

M | A | R G S

GUILHERME DABLE

não um tempo, mas um lugar

Na pintura de Guilherme Dable, o que se dá a ver como obra não é exatamente a conclusão definitiva e acabada de um processo, e sim a possibilidade de uma interrupção decisiva. Há resolução, contudo como ato de agir sobre a incerteza e a imprevisibilidade que pautam o transcorrer do trabalho. A pintura como que sobrevém de um corte operado por um ato de consciência do caminho percorrido. Resulta de um tempo de embate e ação, mas também e sobretudo de um lugar alcançado.

O elemento fundante é o desenho. No entanto, a linha, ao mesmo tempo que demarca e delimita, deixa-se transbordar. Mesmo sentido de contaminação pode ser dito das referências da música e da literatura e dos procedimentos experimentais, no que têm em comum serem tomados pelo artista como princípios — ou melhor, pretextos — com os quais aciona e ampara em atravessamento o seu modo de observar o mundo e levá-lo para dentro do ateliê, em um constante exercício de perceber e recolher aquilo que repousa sobre as feições do cotidiano e a aparência das coisas.

Essa compreensão nos movimenta ao campo da representação visual, o que pode prenunciar alguma discussão tida por superada ou mesmo trivial, mas que aqui acaba por se recolocar por tornar ainda mais intensa a experiência proporcionada por suas obras, porque as complexifica na medida em que aderem à tonalidade e à espessura da história artística.

Na história da arte, observar a passagem de uma “pintura que representa algo” para uma “pintura que se apresenta nela mesma, como objeto e coisa em si, que cria sua realidade própria” — ou seja: a passagem de uma pintura que narra em registro naturalista com referência a um índice real; para uma pintura que apenas e somente é, por referir-se e expressar-se em si mesma — oferece uma via fundamental para a compreensão do que seria a pintura contemporânea. E que situa onde a pintura de Guilherme Dable se inscreve nessa longa tradição.

Contudo, e aí está outro dado interessante, isso não significa que querelas antigas como a disputa entre figuração e abstração, por certo ultrapassada em sua simples dicotomia, não possa apontar para novas questões sob outros enquadramentos, uma vez que o tempo histórico, o da arte incluído, irremediavelmente nega o desígnio linear, progressivo e evolutivo, assumindo-se como concomitante com seus recuos, retomadas e mesmo permanências.

A notável tensão entre aspectos figurativos e abstratos nas obras de Guilherme Dable, na coordenação ambivalente e por vezes concorrente entre figura/fundo, superfície/profundidade e planos sobrepostos, renova o entendimento dessa reflexão, redimensionando sua complexidade. E o faz, todavia, rearticulando os elementos figurativos e abstratos em seu habitual entendimento; pois mesmo o aspecto construtivo, as estruturas geométricas e sobretudo os materiais e procedimentos (tintas e cores entre o chapado e a transparência, mas também fitas em colagens presentes ou removidas) não podem ser vistos como absolutamente abstratos, uma vez que seus referentes já estão dados e informados pela forma e matéria, encontrando seus correspondentes como tipo de figuração também.

Paradoxo semelhante pode ser pensado sobre as manchas, os escorridos e os campos de cor, que oscilam entre abundantes e rarefeitos — e sempre como presenças constantes em suas obras —, porque também aí o caráter informal e gestual vinculado à abstração acaba por encontrar seus índices a partir de uma ambiguidade da figuração ocasionada pelo nosso repertório de imagens.

Por tudo isso, a pintura de Guilherme Dable é exemplar, uma vez mais, da investida da linguagem pictórica contemporânea em confrontar e jogar com as fronteiras limítrofes dos pressupostos erguidos pelo abstracionismo, informalismo, construtivismo e expressionismo. Pois é na opacidade dessas

GUILHERME DABLE

não um tempo, mas um lugar

zonas aparentemente delimitadas, porque porosas e desdefinidas, que repousa um dos aspectos mais interessantes da pesquisa visual, conceitual e poética do artista. Do que advém um interesse sempre renovado nos desdobramentos do percurso de sua produção.



Desde 2014, ano da até então última individual de Guilherme Dable em Porto Alegre, a pesquisa e experimentação têm levado sua pintura a outros lugares. Os **campos de cor**, antes mais mínimos e discretos enquanto detalhe, ganharam **maior presença e ampliaram a luminosidade das telas**, impondo-se junto às manchas e aos escorridos. Ao mesmo tempo, a operação com planos, estruturas e padrões geométricos intensificou o tensionamento figurativo/abstrato, agora em **vibrações flutuantes**. Como efeito, dessas pinturas salta um sentido de maior exuberância explicitada e afirmada.

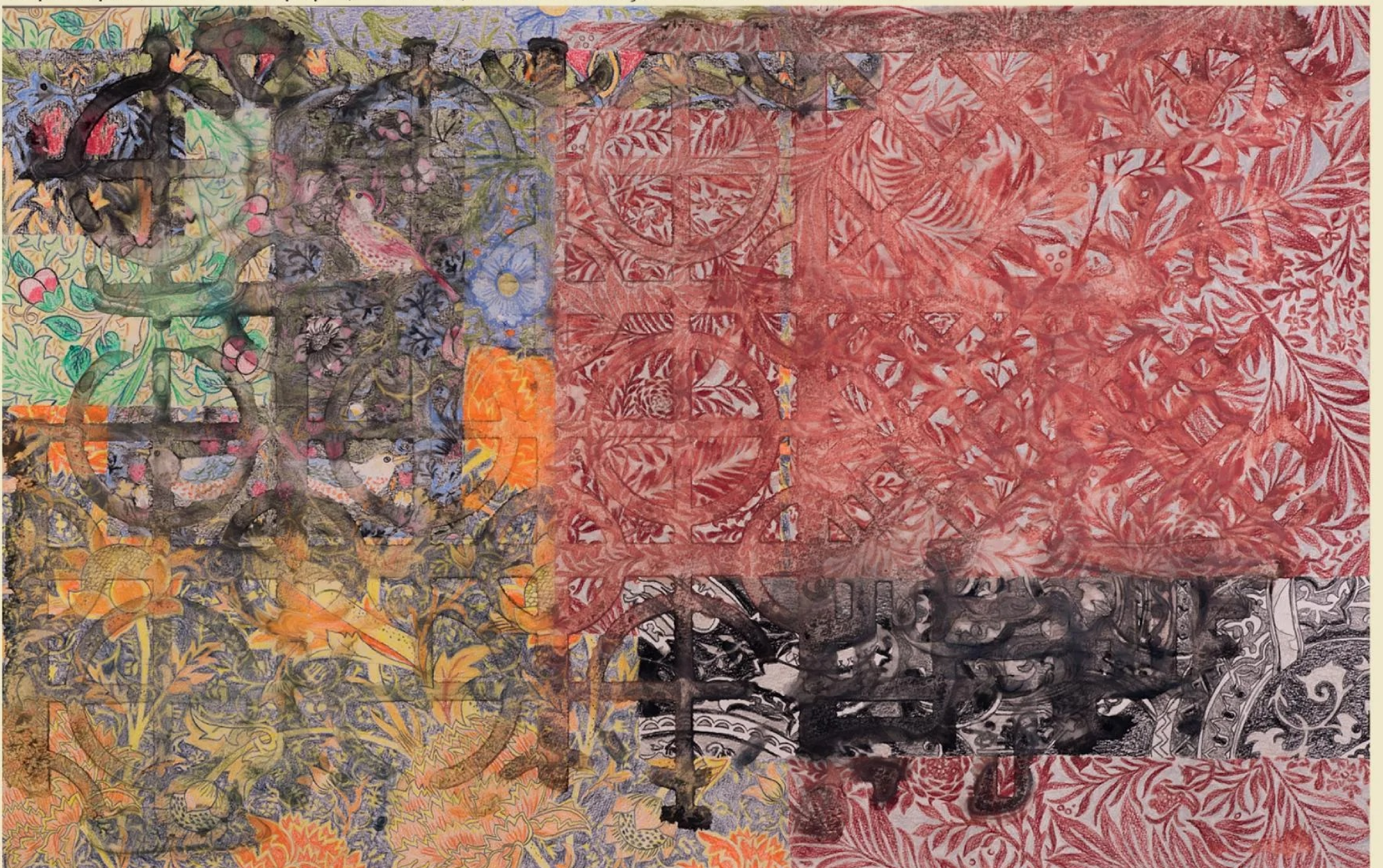
Além de **focalizar esse momento atual da produção do artista**, esta exposição também **recua no tempo para conferir a legibilidade à sua trajetória**. Assim, mediante uma reunião significativa e representativa de obras procedentes de acervos de instituições e coleções particulares, é trazida a público uma compreensão mais ampla de sua produção.

Nesse sentido, o conjunto apresentado na galeria Iberê Camargo e na sala Oscar Boeira do MARGS expande as convenções do desenho e da pintura, assinalando a porção mais experimental da pesquisa do artista.

“Tacet” (2008-2012) — que integrou o Rumos Itaú Cultural e foi apresentado no MARGS, passando a integrar o acervo do Museu — resulta de uma performance musical cujo improvisado com os instrumentos sobre papel carbono gera o conjunto de desenhos, que se fazem acompanhar do registro do som no espaço expositivo.

“shelterrauin/ruínaabrigo” (2014)

Lápis aquarelável sobre papel, 56x90cm, acervo Fundação Vera Chaves Barcellos



Sentido semelhante da implicação do aleatório e da imprevisibilidade está em **“shelterruin/ruínaabrigo”** (2014). Nesse desenho criado para o chão, apresentado em Londres e pertencente ao acervo da Fundação Vera Chaves Barcellos (FVCB), o mosaico de padronagens a partir do tijolo cobogó se deixou influenciar pela ação dos pés dos visitantes sobre o lápis aquarelável.

É também do acaso que surge o vídeo **“o domador”** (2015), pertencente ao acervo do MAM-Rio, no qual uma folha de papel mantém-se flinando verticalmente ao lidar com forças laterais que funcionam como contrapesos e sustentação gravitacional. Aqui, trata-se de um acontecimento de casualidade capturado no trabalho de ateliê na residência que o artista realizou no Vermont Studio Center, nos Estados Unidos.

Por fim, a instalação **“o samba ainda não chegou”** (2016-2022). Com título inspirado na música “Desde que o samba é samba”, de Caetano Veloso e que integra o álbum “Tropicália 2” (1993), o trabalho apresentado em uma individual do artista em Londres insinua uma espécie de devoração antropofágica de elementos populares e eruditos, das estampas de azulejos modernistas ao estilo Athos Bulcão às folhagens de um Brasil ancestral e tropical.



Guilherme Dable é um dos mais destacados nomes de sua geração, da qual fazem parte artistas que ganharam evidência desde o sul do país nos anos 2000.

De um lado, sua trajetória é marcada pela atuação junto ao **Atelier Subterrânea** (2006-2015), misto de coletivo de artistas e espaço independente que fez história em Porto Alegre ao renovar e dinamizar o ambiente artístico local.

De outro lado, sua obra é caracterizada pela investigação em torno dos **campos do desenho e da pintura**, acionando meios como **vídeo, instalação e performance**.

“de modo evasivo mudar o assunto do sonho” (2022)
Acrílica sobre tela, 150x100cm, coleção particular

Tendo nos últimos anos circulado com exposições e projetos por diversos centros artísticos do Brasil e também do exterior (Paris, Londres, Nova York), Guilherme Dable ainda não havia apresentado em Porto Alegre uma **exposição mais extensa e abrangente de sua produção e percurso**.

Assim, esta individual é concebida justamente para assinalar o momento de adensamento da produção e de maturidade da trajetória do artista, sobretudo pelo alcance de sua atuação nos últimos anos, ao mesmo tempo marcando **sua primeira mostra no MARGS**.

É nesse sentido que **“Guilherme Dable — Não um tempo, mas um lugar”** integra o programa expositivo do MARGS intitulado **“Poéticas do agora”**, voltado a artistas atuais cujas pesquisas recentes em poéticas visuais têm se mostrado relevantes no campo artístico contemporâneo, tendo por objetivo destacar produções que investem na pesquisa e experimentação de linguagem, bem como na transdisciplinaridade dos meios, operações e procedimentos.

Francisco Dalcol

Diretor-curador do MARGS

Fernanda Medeiros

Curadora-assistente do MARGS



Guilherme Dable

(Porto Alegre, 1976)

Sua pesquisa abarca as linguagens do desenho e da pintura, expandindo-se para investigações que flertam com a ocupação do espaço, não atendo-se somente aos suportes tradicionais das linguagens. O trabalho pensa relações entre arquitetura, paisagem e as características diagramáticas da linguagem do desenho, utilizando-se eventualmente de métodos não-convencionais para produzir desenhos, tais como instrumentos preparados ou mesmo a umidade dos sapatos.

É Doutorando em Poéticas Visuais pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV) do Instituto de Artes (IA) da UFRGS, onde concluiu a graduação e mestrado em Artes Visuais, tendo estudado também com Jailton Moreira, Charles Watson, entre outros.

Apresentou exposições individuais em Londres (Belmacz, 2016), Rio de Janeiro (Galeria Anita Schwartz, 2017), Salvador (Roberto Alban Galeria, 2014), São Paulo (Galeria Eduardo Fernandes, 2013) e Recife (Sala Recife, 2013), além de Porto Alegre (IEAVi, Galeria Gestual e Galeria da UFCSPA).

Entre as coletivas, participou de mostras em Nova York, Londres e Paris, além de cidades brasileiras como Porto Alegre e Rio de Janeiro.

Suas obras estão presentes em coleções como do MAM-Rio, Casa do Olhar Luiz Sacilotto/Santo André e Coleção Gilberto Chateaubriand, além do MARGS, MAC-RS, FVCB e Instituto Ling.

Foi artista residente no Vermont Studio Center (Estados Unidos, 2015) e do Torus Residência Artística (Garibaldi, 2018).

Integrou o Rumos Artes Visuais Itaú Cultural 2011/2013 e o Prêmio Aquisições Marcantonio Vilaça/FUNARTE em 2014.

Foi um dos fundadores e co-gestor do Atelier Subterrânea, espaço independente baseado em Porto Alegre, ativo entre 2006 e 2015.

Sua trajetória também é marcada pela atuação na banda Tom Bloch.

Vive e trabalha desde Porto Alegre.

“o samba ainda não chegou” (2016-2022)

Acrílica e nanquim sobre papel, dimensões variáveis, coleção particular



Ministério do Turismo, Secretaria Especial da Cultura,
Governo do Estado do RS, Secretaria de Estado da Cultura e
Museu de Arte do Rio Grande do Sul (MARGS) apresentam

GUILHERME DABLE

não um tempo, mas um lugar

CURADORIA
Francisco Dalcol e Fernanda Medeiros






VISITAÇÃO
30.04 a 14.08.2022

MARGS
GALERIA IBERÊ CAMARGO
E SALA OSCAR BOEIRA

Museu de Arte do Rio Grande do Sul | MARGS


Praça da Alfândega, s/nº | Centro Histórico | Porto Alegre, RS | Brasil

Terça a domingo, 10h às 19h | Entrada gratuita

 www.margs.rs.gov.br   /museumargs


ASSOCIE-SE

Associação dos Amigos do Museu de Arte do Rio Grande do Sul | AAMARGS

 www.margs.rs.gov.br/aamargs

VISITAS MEDIADAS

O Núcleo Educativo e de Programa Público recebe grupos de até 6 pessoas,
de quinta-feira a sábado, às 10h30 e 14h, mediante agendamento no Sympla:

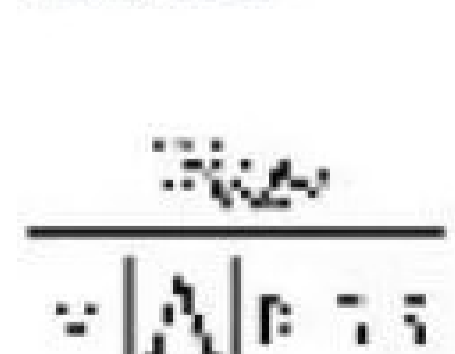
 www.sympla.com.br/produtor/museumargs



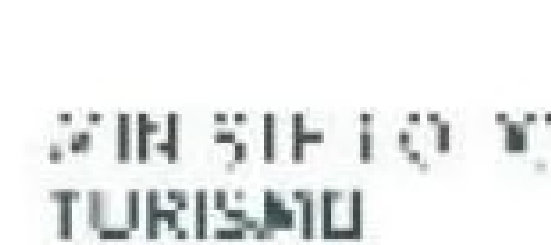
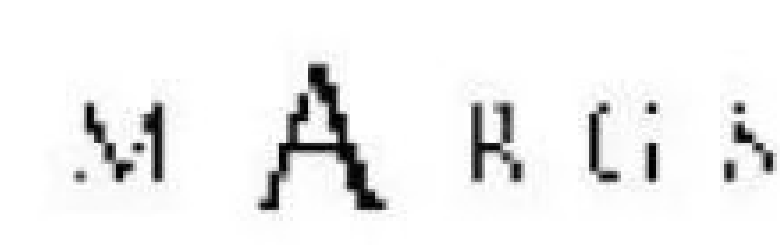
PATROCÍNIO



APÓIO



REALIZAÇÃO



“hora em que o vento de esteiras extintas assovia” (2022). Acrílica e grafite sobre tela, 170x220cm, coleção particular